



## **Incursões memorialistas na escola do campo/roça em Classe Multisseriada: (Auto)Etnografia enraizada no existencial**

**Daiane Pinheiro de Souza Cardoso<sup>1</sup> , Antonio José de Souza<sup>2\*</sup> **

### **RESUMO**

Este artigo realiza uma incursão memorialista na escola do campo/roça em Classe Multisseriada, (auto)analisando a existencialidade da pesquisadora (Primeira Autora) como aluna em transição do contexto rural para o urbano. A pesquisa qualitativa, com aporte metodológico (Auto)Biográfico e abordagem (Auto)Etnográfica, conecta experiências pessoais ao contexto cultural, explorando o significado subjetivo e intersubjetivo da ação humana. Os resultados revelam dois “deslocamentos” cruciais. O primeiro, o retorno à escola da roça, ressignifica a Classe Multisseriada como territorialidade de identidades, denunciando dificuldades estruturais e um conteúdo urbanocêntrico que negligencia saberes locais. O segundo deslocamento, para a escola da cidade, expõe a migração comum de alunos do campo para a cidade, gerando sentimentos de vergonha e preconceito, no qual a subjetividade desses estudantes é “capturada” pela visão do Outro-urbano. A pesquisa conclui que a transição campo/roça-cidade pode levar à negação identitária, como ocorreu com a Primeira Autora, que, por sua origem rural, sentia inadequação e necessidade de esconder suas raízes. No entanto, a formação universitária tornou-se um lugar crítico-reflexivo, promovendo a tomada de consciência e a afirmação de si, valorizando sua origem rural como fundamental. O estudo enfatiza, ainda, que a formação docente deve ir além do modelo técnico, ocupando-se da reflexão sobre o SER e a SUBJETIVIDADE do(a) professor(a), reconhecendo a natureza humana do trabalho educacional.

**Palavras-chave:** Classe multisseriada, Formação docente, Identidades, (Auto)Etnografia.

## **Memorialist incursions in the rural school/farm in a Multigrade Classroom: (Auto)Ethnography rooted in the existential**

### **ABSTRACT**

This article presents a memoir-style exploration of the rural/farm school in a Multigrade Classroom, (self)analyzing the existence of the researcher (First Author) as a student transitioning from a rural to an urban context. The qualitative research, with a (Auto)Biographical methodological approach and an (Self)Ethnographic perspective, connects personal experiences to the cultural context, exploring the subjective and intersubjective meaning of human action. The results reveal two crucial “displacements”. The first, a return to the rural school, re-signifies the Multigrade Classroom as a territoriality of identities, exposing structural difficulties and an urban-centric curriculum that neglects local knowledge. The second displacement, to the city school, highlights the common migration of rural students to the city, which generates feelings of shame and prejudice, where the subjectivity of these students is “captured” by the perspective of the urban-Other. The research concludes that the rural-to-city transition can lead to a denial of identity, as happened with the First Author, who, because of their rural origin, felt inadequate and a need to hide their roots. However, university education became a critical and reflective space, promoting self-awareness and self-affirmation, valuing their rural background as fundamental. The study also emphasizes that teacher education must go beyond a technical model, focusing on reflection about the BEING and SUBJECTIVITY of the teacher, recognizing the human nature of educational work.

**Keywords:** Multigrade classroom, Teacher education, Identities, (Self)Ethnography.

<sup>1</sup> Pedagoga (UNEB). Especializando-se em Educação do Campo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano), Serrinha, Bahia, Brasil.

<sup>2</sup> Teólogo/Historiador. Pesquisador de Pós-Doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Doutor em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal) – com período sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/Paris). Professor da Educação Básica do município de Itiúba, Bahia, Brasil. \*Autor correspondente: [tonnysouza@gmail.com](mailto:tonnysouza@gmail.com).



## **Incursões memorialistas na escola do campo/roça em Classe Multigrado: (Auto)Etnografia enraizada no existencial**

### **RESUMEN**

Este artículo realiza una incursión memorialista en la escuela del campo/la finca en la Clase Multigrado, (auto)analizando la existencialidad de la investigadora (Primera Autora) como alumna en transición del contexto rural al urbano. La investigación cualitativa, con un aporte metodológico (Auto)Biográfico y un enfoque (Auto)Etnográfico, conecta experiencias personales al contexto cultural, explorando el significado subjetivo e intersubjetivo de la acción humana. Los resultados revelan dos “desplazamientos” cruciales. El primero, el retorno a la escuela de la finca, resignifica la Clase Multigrado como una territorialidad de identidades, denunciando dificultades estructurales y un contenido urbanocéntrico que descuida los saberes locales. El segundo desplazamiento, a la escuela de la ciudad, expone la migración común de alumnos del campo a la ciudad, generando sentimientos de vergüenza y prejuicio, en los que la subjetividad de estos estudiantes es “capturada” por la visión del Otro-urbano. La investigación concluye que la transición campo/finca-ciudad puede llevar a la negación identitaria, como le ocurrió a la Primera Autora, quien, debido a su origen rural, sentía inadecuación y la necesidad de esconder sus raíces. Sin embargo, la formación universitaria se convirtió en un lugar crítico-reflexivo, promoviendo la toma de conciencia y la autoafirmación, valorando su origen rural como fundamental. El estudio enfatiza, además, que la formación docente debe ir más allá del modelo técnico, ocupándose de la reflexión sobre el SER y la SUBJETIVIDAD del(a) profesor(a), reconociendo la naturaleza humana del trabajo educativo.

**Palabras clave:** Clase multigrado, Formación docente, Identidades, (Auto)Etnografía.

### **PARTE INTRODUTÓRIA**

#### **(Auto)análise na pesquisa: eu, pessoa-mulher-professora do campo/roça<sup>3</sup>**

**(Por Primeira Autora)**

“Ainda bem que o que eu vou escrever já deve estar na certa, de algum modo, escrito em mim.”. (Lispector, 1998, p. 24).

Falar de si somente é possível pela imersão nas memórias e nas lembranças que, como afirma Clarice Lispector (1920-1977) – na epígrafe acima, de alguma forma, estão escritas em mim de modo indelével. Contudo, partilhar, pela escrita, tais experiências do vivido, definitivamente, não se constitui uma tarefa fácil.

Nesse sentido, a presente escrita é resultado das minhas incursões memorialísticas enquanto mulher que nasceu e vive no campo/roça – lugar, também, onde iniciei a minha formação escolar; especificamente na comunidade na qual resido até hoje. Saliento que o conceito ‘roça’ aparece neste trabalho, porque ele tem a ver com a questão do significado, uma vez que, na minha região e territorialidade, relacionamo-nos com o lugar a partir da palavra roça. Considerando o exposto, optei por utilizar, neste estudo, o termo roça em substituição a outros termos comumente utilizados para categorizar o lugar de vivência dos povos da roça,

---

<sup>3</sup> O texto que segue teve uma parte já publicada, quando o estudo estava no início. Contudo, o texto foi ampliado e alterado. A análise e as conclusões são, na totalidade, originais.





tais como: zona rural, fazenda, sítio. Contudo, utilizarei a palavra roça precedida do conceito ‘campo’ em alusão à Educação do Campo e à consciência de mudança, assim como ao protagonismo político dos Movimentos Sociais e dos(as) trabalhadores(as) situados(as) nessa realidade específica (Caldart, 2012; Santos, 2005; Rios, 2011).

Ser apontada, social e culturalmente, como sendo inferior por conta do lugar de origem, fez-me, de alguma maneira, negá-lo, pois assumir tal origem (ser-do-campo/roça), em contextos urbanos, não foi fácil. Dessa maneira, compreendo que fazer o caminho de volta, reencontrando e (re)encantando-me por minhas origens, passou pelo reconhecimento de que a minha constituição enquanto pessoa, mulher e universitária advêm do campo/roça como contexto objetivo da minha formação humana e profissional.

O poeta Fernando Pessoa (1888-1935) expressou em seu poema *O guardador de rebanho* o sentimento que nutro por minha várzea natal – Várzea do Mulato ou, simplesmente, Mulato<sup>4</sup>: “[...] minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer [...]” (2013, p. 42). É nessa terra-várzea-roça que eu começo a me enxergar ‘no’ mundo e ‘com’ o mundo na dialética relacional corpo-consciência-mundo – “palco” do processo de formação e construção das minhas subjetivações identitárias (Freire, 2015).

Devo dizer que, apesar de todo convívio no campo/roça, só tive conhecimento das discussões sobre a Educação do Campo e, de modo específico, sobre as Classes Multisseriadas (enquanto categoria de estudo), no terceiro semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), através do componente curricular Educação do Campo – o qual me despertou o desejo de querer refletir sobre um contexto que me dizia/diz respeito, já que ao longo da minha jornada na educação esse debate me foi cerceado.

Acho oportuno sublinhar que eu estudei em uma Classe Multisseriada da Educação Infantil até o início do Ensino Fundamental I. Essa escola era pequena, formada por uma sala, cozinha e banheiro. Era uma classe composta por crianças da comunidade com idades e séries diferentes – daí o nome ‘Classe Multisseriada’ por reunir, na mesma sala, educandos(as) matriculados(as) em séries distintas, mas regidos(as) por uma única professora (Souza, 2018a).

Para pensar a realidade da Classe Multisseriada da qual eu fui aluna, lanço mão, inicialmente, da premissa de que tal estrutura escolar contribui para a permanência dos(as) alunos(as) no campo/roça, porque lhes oferecem a possibilidade de serem escolarizados(as) no lugar em que vivem (Hage, 2005). A referida conclusão é notável por destacar a importância

<sup>4</sup> Mulato fica, aproximadamente, a 18km de distância da sede de Senhor do Bonfim, Bahia; município pertencente ao Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru – TIPNI.





da experiência, para quem ‘é’ do campo/roça, de tornar-se sujeito-educando-singular, por meio da objetivação da singularidade na movimentação entre as coisas próprias do campo/roça, ou seja: o plantar, o colher, o viver em comunidade, entre outros (Maheirie, 1994).

No entanto, devo ressaltar que a permanência mencionada deu-se na Multisseriação marcada por precariedades e displicência do Poder Público Municipal, afinal, para o bom funcionamento, a escola necessita de investimentos em infraestrutura adequada, formação continuada para os(as) professores(as), livros e materiais didáticos que deem conta da realidade dos(as) educandos(as) do campo/roça, portanto, insumos imprescindíveis que não se faziam presentes na escola da minha infância; realidade, também, retratada pelo professor de Souza (2018a, p. 25-26):

[...] devo dizer que era uma escola pobre, de paredes simples, com telhado antigo, que não protegia dos ventos e nem das águas da chuva. Na verdade, tudo ali era de uma simplicidade que beirava o paupérrimo. Faltava tudo, até as condições básicas para se fazer educação. Lembro-me das aulas sob a copa do juazeiro, dos pés marcando o chão molhado, das muitas vezes que chovia e o transporte sucateado, que nos transportava, não chegava até a escola e eu tinha que andar cerca de 20 minutos para, enfim, encontrar os meus alunos. Recordo-me do quão difícil foi trabalhar com uma turma multisseriada e que, sozinho, tudo ficava ainda mais árduo, pois o município de Itiúba/BA, naquela época, não havia instituído uma equipe de coordenação pedagógica e, de modo geral, nós, professores/as, exercíamos a prática pedagógica sem nenhuma formação, acompanhamento e material didático específico para o desempenho da profissão neste contexto.

Refletir sobre minha trajetória educacional na Multisseriação é mergulhar em um universo singular, no qual cada desafio se entrelaça com a poesia da vida cotidiana no campo/roça. O ambiente da escola da minha infância era simples, mas repleto de significado e potencial. Suas condições precárias, a falta de infraestrutura e a carência de recursos eram reflexos de uma realidade, muitas vezes, invisibilizada pelo Poder Público. Esse panorama revela uma realidade complexa, na qual o suporte institucional é frequentemente escasso e o investimento nas escolas do campo/roça é uma necessidade.

Acho significativo que a minha professora, a única professora da comunidade, era, também, a minha tia, o que tornou tudo ainda mais prazeroso e gratificante, pois, ter como professora alguém da minha família, representava muito para mim. Recordo-me, ainda, que comecei a frequentar a Classe Multisseriada da comunidade aos cinco anos de idade. Passei, estudando ali, outros cinco anos da minha vida; até que, no ano de 2002, por conta das circunstâncias – sobre as quais não tinha nenhum controle – passei a estudar em uma escola seriada na cidade. Estudar na cidade implicou em uma série de mudanças decorrentes desse





deslocamento campo/roça-cidade, afinal, eu fui submetida a um processo de desorganização/re-organização do cotidiano tanto individual, quanto familiar.

Por diversas vezes, sentia medo do que estaria porvir, ou seja, medo do novo, das incertezas e da angústia de estar em uma escola da cidade. Contudo, devo registrar que eu fui bem acolhida naquela escola da cidade, por isso, guardo na lembrança afetiva algumas das professoras. Sem dúvida, essa nova realidade, por ter sido intensa, reverberou na minha vida, na formação das minhas subjetivações e na forma como eu encarava as práticas socioeducativas daquela escola (Martins, 2008). Entretanto, ao mudar da escola municipal para uma estadual (maior na estrutura e, conseqüentemente, no número de matriculados/as), passei a me sentir uma pessoa “estranha” – já que, diferente do restante da minha turma, eu não pertencia à realidade da cidade. Eu era a ‘menina da roça’ e só conseguia estar no grupo ao qual eu pertencia (os ‘da roça’) nos intervalos.

Tal segregação é problematizada por Arroyo (2014, p. 15) que disse: “[...] nada fácil a uma tradição pedagógica que ainda pensa os grupos populares como inferiores, ignorantes, incultos e sem valores, os tratos são pautados por preconceitos inferiores [...]”. Sentir-me ‘estranha’ vinha a reboque da estigmatização da minha cultura tomada como algo menor e inferiorizado diante da cidade (o-lugar-melhor-que-o-meu). Depois de um tempo, eu retornei à vivência no campo/roça, mas, nesse momento, por conta da Universidade, o meu cotidiano era calcado no ir e vir em um permanente movimento campo/roça-cidade; rompendo fronteiras geográfica, cultural e identitária.

Na Universidade, eu participei de momentos crítico-reflexivos sobre a Educação ‘do’ Campo e ‘no’ Campo/roça. Ali, foi possível elucidar algumas questões que dizem respeito à realidade das escolas do meu município, especialmente, no âmbito do campo/roça e das Classes Multisseriadas. Dando vazão ao interesse antigo de estudar o campo/roça enquanto objeto de pesquisa, mas, principalmente, como o *locus* social-e-afetivo, porque trata-se de um território de vivência e existência da ordem do pessoal. Por conseguinte, pesquisar a escola do campo/roça implicou/implica em partir das dificuldades, da importância e da beleza que foi estudar na comunidade na qual me constitui pessoa-mulher-cidadã-professora; permitindo-me falar dessa modalidade de educação em uma perspectiva crítica, reflexiva e engajada.

Por conseguinte, a gênese desta escrita – que é um retorno ao vivido, pela lembrança, à cata das coisas próprias do campo/roça manifestadas à minha consciência (Bicudo, 1994) – deu-se por conta daquilo que Souza *et al.* (2020, p. 3) chamaram de “[...] uma reclusão compulsória em decorrência da [pandemia de] Covid-19 [...] um tempo bastante insólito [...]”. Afinal, [foram]





misturados à catástrofe sanitária, a beligerância escatológica do governo bolsonarista, o negacionismo dos seus asseclas [...]”. Nesse contexto pandêmico, tive uma maior aproximação da prática pedagógica da professora Maria José<sup>5</sup> – docente de uma Classe Multisseriada no campo/roça – que solicitou a minha ajuda com as atividades remotas, tendo em vista o seu pouco traquejo com os aparatos tecnológicos, pois, como descrevem Souza *et al.* (2020, p. 4-5;19, grifos dos autores):

As mudanças ocasionadas pela pandemia do novo coronavírus chegaram de modo abrupto, causando isolamento [...] e, por isso, faz-se necessário o aprofundamento do debate sobre o ensino e a aprendizagem, posto que, não é o fato de a escola estar de ‘portas fechadas’ que ela tenha deixado de existir. Ela existe, em tese, como ‘escola doméstica’, ‘cravada’ na rotina familiar, entre aulas feitas online e exercícios pelo WhatsApp mediados por pais ‘tutores’ em uma espécie de Educação a Distância (EaD) ‘emergencial’. [...] Obviamente que tal questão perpassa por problematizações em torno das condições de garantia do processo educativo escolar a partir da ‘EaD emergencial’, as capacidades técnico-pedagógicas dos(as) educadores(as) e a família enquanto elo entre professores(as)/escola e estudantes. [...] os desafios postos às escolas no campo/roça não são apenas tecnológicos; são, principalmente, políticos [... pois,] a equipe pedagógica também enfrenta as limitações da concepção de formação continuada em tecnologias educacionais.

Durante esse período desafiador, pude ajudar a professora Maria José com as atividades pedagógicas planejadas para as suas Classes Multisseriadas. Dessa imergência (e emergência situacional), nasceu o meu interesse em estudar a Multisseriação, problematizando a presença e/ou a ausência do princípio da Educação Contextualizada na prática pedagógica/docência em Escolas Multisseriadas do campo/roça, através da memória da minha antiga professora do primário. Avizinhar-me à prática pedagógica da professora Maria José fez-me pensar e rememorar as ações utilizadas por esta professora do meu passado como aluna de uma Classe Multisseriada (aqui, fica demonstrando, entre outras coisas, a minha implicação com o tema de pesquisa).

Desse tempo, recorde-me do modo como éramos – nós, os(as) educando(as) – separados(as) em mesas diferentes pelo critério da altura. Lembro-me das limitações para organizar as atividades no quadro de giz; do cheiro vindo das atividades impressas no mimeógrafo. Após a explicação, a minha professora colocava no quadro atividades para os maiores (aqueles que já sabiam ler e escrever) e para os menores (aqueles que não sabiam ler e escrever) ela trazia atividades mimeografadas. Depois chamava individualmente cada criança

---

<sup>5</sup> Nome fictício a fim de preservar o anonimato da professora em questão. O nome ‘Maria José’ foi inspirado em uma das personagens do premiado curta-metragem *Vida Maria* (2006), do diretor Marcio Ramos, que tem o objetivo de denunciar a gravidade da ausência educacional enquanto uma herança passada para gerações diferentes de meninas-mulheres-Marias. Conferir: <https://www.youtube.com/watch?v=T9d7g8TdWQs>.







para perto da mesa dela a fim de ‘treinar’ aquilo que, ainda, não sabia, por exemplo: o nome pessoal de cada aluno ou o alfabeto. No decorrer da atividade, a professora ajudava os(as) educandos(as) que apresentavam dificuldades.

A parceria com a professora Maria José me direcionou à constatação do quanto a Multisseriação foi (e ainda é) invisível para o Poder Público municipal; desde a falta de um planejamento pedagógico voltado às especificidades da sua estrutura multisseriada, até o trabalho solitário da professora Maria José – que é obrigada a adaptar as orientações pedagógicas seriadas para o seu contexto multisseriado, tal qual observado no estudo do professor de Souza (2018a, p. 91) com professores de Classes Multisseriadas em um município do Sertão baiano: “[...] a escola da roça [...] conhece numerosas formas de desigualdade, por estar inserida em um contexto de [...] abandono institucional [...]”.

À vista disso, saliento a importância de uma educação que valorize as especificidades culturais e sociais dos(as) alunos(as) do campo/roça, pois a educação deve ser um meio de fortalecer e legitimar as identidades locais, promovendo um currículo que respeite e integre as práticas e os conhecimentos próprios das comunidades rurais. Essa perspectiva é fundamental para entender a importância da educação contextualizada no reconhecimento e valorização das experiências e saberes locais (Rios, 2011).

Imersa nessas questões, pleiteei uma vaga na seleção da Especialização em Educação do Campo, ofertada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano, Serrinha) e, uma vez, matriculada, passei a ter acesso às leituras, reflexões e conversas profícuas no âmbito das aulas e dos encontros de orientação. Desse modo, cheguei à conclusão de que pesquisar sobre a Multisseriação é pesquisar sobre o lugar no qual fui constituída enquanto pessoa-mulher-professora, consciente da minha existência no mundo-campo/roça. Ao reconhecer que as experiências socializadas neste texto já estavam escritas em mim, sou inevitavelmente levada a olhar para o passado, já que o movimento autobiográfico permite expandir as fronteiras do conhecimento, oportunizando um maior aprendizado que requer sensibilidade e muita reflexão (Souza, 2021).

Assim, o objeto de estudo da pesquisa foi a memória da minha infância no campo-roça durante o tempo em que estudei na Classe Multisseriada; por isso, considerando os elementos apresentados, compreendi que se tratava de uma Pesquisa Qualitativa de aporte metodológico (Auto)Biográfico a fim de atingir, pela imersão na memória, o seguinte objetivo: (geral) realizar uma breve incursão memorialista na Escola do campo/roça em Classe Multisseriada; e (específico) (auto)analisar a minha existencialidade enquanto aluna da escola do campo/roça





(multisseriada) em trânsito para a escola da cidade (seriada). Portanto, fica evidenciado que se trata de uma proposta de investigação implicada no mundo. Eu, uma pessoa-mulher-professora-do-campo/roça, instigada pela necessidade de compreender o mundo, estando nele.

## **PARTE DAS ANÁLISES**

### **(Auto)etnografia: comentando as incursões memorialísticas**

**(Por Segundo Autor)**

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.”. (Freire, 1989, p. 9).

Paulo Freire (1921-1997) abre este subtópico, na epígrafe, porque um texto oriundo da (auto)análise é a imbricação da leitura do mundo (ação) por uma ótica pessoal (reflexão), acompanhada pela leitura da palavra (ação-refletida). Essa perspectiva coaduna com o antecipado na parte introdutória, quando diz que este estudo está assentado na pesquisa qualitativa, pois parte da premissa de que a ação humana é encharcada de significado tanto no aspecto subjetivo quanto no intersubjetivo e, por isso, não pode ser compreendida apenas pela perspectiva quantitativa e objetiva.

Nesse sentido, este trabalho é um ato reflexivo envolto nas lembranças, emoções, inquietudes e experiências próprias do estar-no-mundo emergidas das subjetividades de quem narra sua vida e, por isso, tem relação com a realidade e o vivido em diálogo com o ambiente natural (a objetividade do campo/roça) e os sentidos elaborados a partir dele (as subjetivações) uma fonte direta para a construção dos dados.

Mas há uma questão: como realizar um estudo acadêmico quando a tônica está nas incursões memorialísticas de uma pessoa (o indivíduo)? A solução para tal problemática, encontra-se em Rabinovich; Silva e Souza (2020) quando escrevem, retomando as lembranças da infância, sobre parte do processo de construção das identidades negra-gay-judia. O(as) referido(as) autor(as) – sendo uma mulher-negra da roça, um homem negro-gay e uma mulher branca-judia – reproduzem suas histórias de vida por três mãos sem, evidentemente, negligenciar suas individualidades e alteridades, ressaltando o inevitável entrecruzamento com ‘outras’ vozes e pessoas (o coletivo).

Assim, o(as) autor(as), quando vocalizam o vivido em ‘pessoa-una’, estão transbordando narrativamente em ‘pessoa-trina’, ou melhor: “[...] o individual espreado e







conjugado no ‘nós’ [...]” (Rabinovich; Silva; Souza, 2020, p. 1367, grifos dos autores). Por isso, dentro do guarda-chuva da Pesquisa (Auto)Biográfica, o que acontece aqui tem parte com a abordagem (Auto)Etnográfica por permitir a compreensão ‘por dentro’ dos processos culturais, comportamentais e das crenças do(a) pesquisador(a) que, neste caso, é, também, o *locus* da pesquisa; irrompendo paradigmas nos dizeres de Linhart *et al.* (2017, p. 10): “O método auto-etnográfico rompe com os antigos paradigmas do objetivismo cartesiano e as suas dicotomias binárias entre pesquisador e pesquisado, sujeito e objeto, eu e outro, identidade e alteridade, ciência e política.”.

Dito isso, a (Auto)Etnografia se aproxima da escrita de si como um instrumento hermenêutico da pessoa individualizada (auto) e da coletividade-cultural (etno) na qual está situada; daí a escolha pela autobiografia para escrita da parte introdutória, pois é uma forma privilegiada de narrar pela escrita (grafia) os percursos de uma vida, caracterizada pela pluralidade das experiências, sejam familiares, educativas, sociais, culturais e profissionais, singularizadas na pessoa transpassada por seu tempo histórico.

[...] a abordagem biográfico-narrativa pode auxiliar na compreensão do singular/universal das histórias, memórias institucionais e formadoras dos sujeitos em seus contextos, pois revelam práticas individuais que estão inscritas na densidade da História. (Souza, 2007, p. 66)

Nesse tipo de pesquisa, as fontes autobiográficas são constituídas por histórias de vida, relatos orais, fotos, diários, biografias, cartas, memoriais, escritas escolares e rodas de conversas, configurando-se como objetos de interesse para as Ciências Sociais e Humanas, afinal, segundo Elizeu Souza (2007, p. 63), a “[...] legitimidade dessas fontes [...] permitiu que vozes, até então silenciadas pela História tradicional, reivindicassem o direito de falar [...]. Isso amplifica a produção do conhecimento sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos. E, nesse sentido, a escrita autobiográfica abre o acesso às memórias de um tempo localizado no passado que permite deslocar-se nas experiências, posto que tempo e memória “[...] possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador.” (Souza, 2007, p. 62).

### 1.1. Primeiro deslocamento: à escola da roça





O texto da parte introdutória se inicia com o retorno à várzea natal, o que subjaz um movimento, o deslocamento ao local de origem como visto na narrativa de Antonio de Souza (2023) quando, ao vincular-se às memórias de si, estabelece comparação ao etnólogo que deixa sua terra rumo ao Outro. Em tal caso, o mencionado autor coloca-se na condição de (auto)etnólogo, “[...] tendo em conta o movimento restrito para bem perto de [si], ao interior do [seu] círculo particular [...]” (Souza, 2023, p. 51). Desse modo, ele faz o deslocamento, por entre a memória, à casa da infância, aos familiares mortos e às experiências vividas pelos ‘Eus’ os quais, um dia, ele já foi. Sem dúvida, o movimento até os Outros, vivos e amontoados dentro do tempo da sua memória. Seguindo essa premissa, tem-se, aqui, uma (auto)etnóloga retornando à sua terra-várzea-roça onde tomara consciência da relação dialética da qual é parte: corpo-no-mundo.

No primeiro deslocamento, somos levados à escola do campo/roça, demonstrando que essa escola insurge da memória de uma época específica na qual era aluna de Classe Multisseriada. Essa memória é territorialidade das identidades ressignificadas, tendo no horizonte existencial a relação entre as experiências vividas, concebidas e o que foi feito delas em suas práticas (Araújo, 2019; Rios, 2015; Souza, 2018a).

A descrição narrativa é responsável por nos colocar no interior da Classe Multisseriada; pequena na estrutura: sala de aula, cozinha e banheiro. Na classe, crianças de toda comunidade, matriculadas pelo critério da idade em suas respectivas séries, compartilhavam a sala e o esforço solitário da mesma professora. A escolha de palavras não é pueril, pois percebe-se a ausência da vontade política em prover o bom funcionamento daquela escola. Por essa lógica, Thaciane Araújo (2019, p. 17-18) volta ao tempo em que era professora de Classe Multisseriada, para denunciar as dificuldades perceptíveis que “[...] impossibilitavam a realização de uma educação de qualidade, haja vista a falta de materiais didáticos e pedagógicos, de um transporte digno, [...] o distanciamento do Poder [...], o malefício de uma prática pedagógica urbanocêntrica.”.

A denúncia não problematiza a forma em que acontece a escola – por uma turma multissérie que, inclusive, oportuniza a convivência próxima entre alunos(as) e a aprendizagem compartilhada pelo apoio recíproco – mas, questiona as condições estruturais e o conteúdo urbanocêntrico, privilegiando os saberes próprios do urbano em detrimento dos saberes do campo/roça; legitimando a hegemonia de uma prática pedagógica tradicional e conservadora, amparada no paradigma da colonização de um saber por outro (Hage, 2005). Desse modelo centrado na padronização da cultura e na valorização exacerbada do urbano que advém o





enfraquecimento das culturas, das identidades e das formas de vida dos povos do campo/roça, gerando, por consequência, o mal-estar pormenorizado por Araújo (2019, p.16, grifos da autora):

Nas itinerâncias da infância, eu e meus irmãos éramos tratados de forma discriminatória na medida que nossos primos, moradores da cidade grande, agiam e nos tratavam de maneira injusta e negativa. Ouvíamos piadinhas que nos marcavam como “os da roça”, logo não tínhamos os mesmos privilégios que eles, “os da cidade”. O “ser da roça” era apregoado como representação do pejorativo, do ruim, do ‘outro’. Significava ser inferior, ser de ‘outro’ grupo social, ter ‘outra’ linguagem, ser diferente e, por sua vez, excluído da prerrogativa de ser “da cidade” [...].

Por essa razão, é premente a efetivação nas escolas do campo/roça, especialmente nas Escolas Multisseriadas, práticas pedagógicas que envolvam alunos(as) em conteúdos contextualizados das suas realidades, levando em consideração “[...] a História pessoal, familiar e local [... o], lugar, cultura, clima [...] dos(as) seus(suas) educandos(as), pensando, refletindo e estudando suas existências através dessa presença contextual [...]” (Souza, 2022, p. 49).

## 1.2. Segundo deslocamento: à escola da cidade

Uma característica presente nos trabalhos memorialísticos sobre a formação de professores do campo/roça é o deslocamento, em algum momento, para a escola da cidade (Araújo, 2019; Santos, 2019; Silva, 2020; Souza, 2018a), porque, geralmente, a Multisseriação corresponde ao Ensino Infantil e ao Fundamental I; prosseguir nos estudos exige a migração à cidade. A pesquisadora Marilucia Santos, fala, de modo implicado, sobre essa questão: “Sou filha de pequenos agricultores [...] da comunidade do Tabocal e foi na sua pequena escola [...] que iniciei os estudos e fiquei até o [...] antigo primário. Passei a ‘migrar’ da roça para cidade a partir do ginásio [...] até o curso de magistério.” (2019, p. 11, grifo da autora).

Pelas mesmas circunstâncias, acompanhamos, aqui, o segundo deslocamento: a mudança para a escola da cidade. Desse ponderável, tem-se outro cenário, a classe multissérie passa a ser seriada, localizada na sede do município, impondo uma adaptação ao processo de se perceber situada em outro contexto; a reboque vem a vergonha, a estranheza, o medo e a angústia por estar longe do familiar. A professora Thaciane Araújo, pesquisando os(as) seu(suas) alunos(as) de Classe Multisseriada, identificou neles(as) “[...] o desejo de ter uma escola grande e bonita como a “escola da rua”, isto é: a escola da cidade.” (2019, p. 44, grifo da autora).





Quer dizer, uma fantasia sobre a estrutura física: a Classe Multisseriada seria pequena e, por isso, feia; enquanto a Escola da cidade seria grande e bonita. No entanto, o que se descobre quando o trânsito campo/roça-cidade, de fato, acontece é a perturbação intrínseca à mudança. Vejamos o relato da professora Ana Maria Silva (2020, p. 3, grifos da autora):

O sofrimento era parte de uma ansiedade pela mudança, afinal os colegas de escola eram também aqueles com quem pegava água nos tanques, fontes e represas longínquas. Com quem dividia as veredas em busca de lenha ou a caminho da escola. Tínhamos as mesmas origens e conhecíamos a mesma pobreza, então não estranhávamos o lápis raquítico, o caderno de arame simples e o chinelo desgastado. O medo era ser ‘o outro’, o estranho, o exótico na cidade. Era ter a minha ‘diferença’ revelada diante do preconceito por ‘ser da roça’. Era o medo de ter a minha subjetividade violentada pela expectativa infeliz de ser “menos inteligente [...]”.

A pesquisadora, objeto de análise deste estudo, a exemplo do que aconteceu à Silva (2020), tem a sua subjetividade capturada pelo olhar do Outro, empoderado pelos simulacros da pessoa-citadina e, por isso, mais inteligente, sem sotaques, com maiores condições financeiras – em resumo: a-pessoa-ideal. Ante o estandarte idealizado, resta o convencimento de si como a-pessoa-exótica (leia-se: estranha); segregada, no urbano, entre os iguais: os da roça. É, em definitivo, a guetização da subjetividade na objetividade (realidade). Isto posto, a permanência na Escola da cidade determinaria o absurdo de ‘tornar-se outro(a)’, isto é, os(as) alunos(as) do campo/roça obrigam-se, como estratégia de sobrevivência, a encarnar novos modos de existir (Rios, 2011).

### **1.3. Deslocamento bifurcado: a negação e a afirmação de si**

A leitura da parte introdutória revela que o trânsito roça-cidade abriu uma estrada tortuosa e perigosa da negação de si. Transitar por ela implica em correr o risco de colidir nos discursos, historicamente, essencialistas firmados na crença de uma identidade pura e, sendo assim, normativa da pessoa-ideal (homem, branco, hétero-padrão, católico, abastado e urbano). Estar à margem dessa “normalidade” é viver o sofrimento de “[...] ser ou não ser. Existir ou não existir. Finalmente, viver ou morrer, eis a questão!” (Souza, 2018b, p. 221). Tanto que a pesquisadora, objeto de análise deste estudo, diz sobre ser nivelada por baixo, social e culturalmente por conta da sua origem do campo/roça, a fez negá-la, pois a assunção de tal ascendência, em contextos urbanos, era por demais difícil.





Na pesquisa intitulada *Identidades e cultura na docência do campo/roça: ações pedagógicas contextualizadas para Classes Multisseriadas*, a professora Thaciane Araújo (2019), pesquisando sua própria classe multissérie, lançou mão de três atividades, com foco em desenho livre, a saber: o mapa mental – objetivando aflorar a subjetividade dos(as) alunos(as), através da contação narrativa ilustrada das suas experiências, vivências e histórias marcantes de vida; a árvore dos sonhos – estimulando a comunicação dos sonhos dos(as) alunos(as) em relação à escola; e o muro das lamentações – oportunizando a exposição daquilo que não funcionava corretamente na escola. Concluindo as referidas atividades, Araújo (2019, p. 55) conclui:

Neste estudo pude entender que os alunos do campo/roça vivem em um processo de construção de sua identidade, a partir da expressão identitária presente nas representações, em desenhos, da roça, plantações, da vida no campo, do convívio familiar na roça. Mas, também percebi, pelos mesmos desenhos, o fetiche pelas coisas da cidade, principalmente, pela escola rua/cidade. Isso, também, é responsabilidade da escola que se colocou distante dos saberes e vivências que fazem parte do contexto do campo/roça.

Uma das responsabilidades da escola do campo/roça é com a prática pedagógica, “grávida” de sentido, conforme a convicção de Paulo Freire (2015), evitando a fetichização do urbanocentrismo que desloca os saberes dos povos do campo/roça para a segunda classe. As ruralidades estão documentadamente relacionadas e aprisionadas à lógica da escassez e, por isso, ocupando o lugar inferiorizado dentro de um sistema de classificação; sequestrando o imaginário coletivo, no qual as representações de um povo, território, clima e cultura estão calcadas na subalternidade existencial (Souza *et al.*, 2014; Souza; Santos, 2013; Souza, 2018a; 2022; 2023).

Voltando ao texto introdutório, nota-se que a virada de chave – no sentido da tomada de consciência e afirmação de si – veio pela formação universitária (licenciatura e a especialização). A formação docente foi o pátio dos acontecimentos crítico-reflexivos sobre a Educação ‘do’ Campo e ‘no’ campo/roça, elucidando questões e ampliando a realidade que circunda, em particular, as Classes Multisseriadas. Dessa forma, deu-se o retorno às ruralidades e o reconhecimento de que se constituir pessoa, mulher, universitária e pesquisadora vem, sobremaneira, do campo/roça enquanto espaço de vida e formação humana/profissional.

Ao final e ao cabo, fica evidenciado o quanto a formação docente, tanto a inicial e, principalmente, a continuada, não pode acontecer no ritmo de um trabalho industrial, técnico e meramente instrumental. Precisa ser realizada com vista no humano singularizado. O(A) professor(a), em formação e na prática, deve ser enxergado(a) e, também, se enxergar naquilo





que é a natureza do seu trabalho, isto é, o humano, sobre o humano, para humanos. Portanto, insiste Souza (2023, p. 158): “[...] a formação docente precisa se ocupar, o quanto mais puder, da reflexão sobre a existência singular do professor: o seu SER [...] e sua SUBJETIVIDADE [...]”.

## **BREVES CONCLUSÕES**

**(Por Segundo Autor)**

A conclusão mais imediata que se tira, deste trabalho, é o fato da abordagem (Auto)Etnográfica estabelecer uma conexão entre as experiências pessoais e o contexto cultural; sendo pertinente à análise das incursões memorialísticas de uma pessoa, à conta de fundamentar-se na premissa de que a ação humana é farta em significado subjetivo e intersubjetivo. Nesse sentido, a (Auto)Etnografia se alinha à leitura do mundo, proposta por Paulo Freire (1989), na qual a reflexão pessoal sobre as experiências vividas se conecta à leitura da ação implicada ao mundo, à cultura e os seus profusos contextos.

Ainda sobre a subjetividade ser fonte de dados, vale destacar que há, neste ponto, a ruptura de paradigmas no aspecto metodológico objetivista, pois rompe-se com velhas dicotomias entre pesquisador e pesquisado, Eu e o Outro, ciência e política, por exemplo. Daí, o interesse reflexivo sobre memórias, emoções e experiências do estar-no-mundo, porque a base de dados para a realização deste estudo é focada na observação do indivíduo, mas, amparado no texto de Rabinovich, Silva e Souza (2020), tem-se a demonstração de como a história de vida (pessoa) pode “transbordar” no comunitário (pessoas), revelando o entrelaçamento com outras vozes.

Desse modo, a (Auto)Etnografia é apresentada como uma abordagem ideal dentro da Pesquisa (Auto)Biográfica, afinal permite a compreensão “por dentro” dos processos culturais, comportamentais e crenças do(a) pesquisador(a) que é, também, objeto da pesquisa. Tendo em vista esse entendimento, aqui, investiga-se a formação de identidades através de dois “deslocamentos” da pesquisadora objeto da análise, quais sejam:

1. Primeiro deslocamento: à escola da roça – a narrativa se inicia com o retorno da pesquisadora à sua várzea natal, onde frequentara uma Classe Multisseriada. A







experiência de regressão auxilia na ressignificação da Classe Multisseriada como territorialidade de identidades. Essa passagem denuncia as dificuldades estruturais e o conteúdo urbanocêntrico presente na prática pedagógica da escola, negligenciando os saberes próprios do campo/roça e contribuindo com a discriminação sofrida pelos ‘da roça’. A importância da Educação Contextualizada é salientada para a valorização das culturas e identidades dos povos do campo/roça.

2. Segundo deslocamento: à escola da cidade – há a demonstração do quão comum é a migração de alunos(as) do campo/roça para a cidade a fim de prosseguirem nos estudos. Essa mudança, embora possa trazer a idealização (em termos de melhor infraestrutura escolar, por exemplo), gera sentimentos de vergonha, estranheza, medo e angústia devido à distância do ambiente familiar e ao preconceito sofrido por ser ‘da roça’. A subjetividade desses(as) alunos(as) é “capturada” pela visão do Outro-urbano, que os rotula como “exóticos” ou “menos capazes”.

Conclui-se, desses dois deslocamentos, a cilada existencial diante da bifurcação: negação e afirmação de si. A transição entre o campo/roça-cidade levou a primeira Autora a uma “estrada tortuosa” da negação identitária, quer dizer: a sua origem rural era a razão para uma inadequação e, por isso, a necessidade de esconder suas raízes, adequando-se aos padrões urbanos. No entanto, o texto aponta que a formação universitária (licenciatura e especialização) da pesquisadora, e objeto do estudo, foi um “pátio de acontecimentos crítico-reflexivos”, responsável por uma tomada de consciência e afirmação de si. Esse processo elucidou questões sobre a Educação do Campo, resultando no reconhecimento e na valorização de sua origem rural como fundamental para a constituição como pessoa, mulher, universitária e pesquisadora.

A pesquisa conclui, ainda, que a formação docente, tanto inicial quanto continuada, deve ir além de um modelo técnico e instrumental. É crucial que ela se ocupe da reflexão sobre a existência singular do(a) professor(a), seu SER e SUBJETIVIDADE, reconhecendo a natureza humana do trabalho educacional.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Thaciane Carneiro. **Identidades e cultura na docência do campo/roça: ações pedagógicas contextualizadas para classes multisseriadas.** Trabalho de Conclusão de Curso





(Especialização em Educação do Campo) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Serrinha. Serrinha, BA, 2019.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Sobre a fenomenologia. *In*: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitoria Helena Cunha (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba, SP: Editora Unimep, 1994. p. 15-22.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. *In*: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 257- 267.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. Organização de Ana Maria de A. Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HAGE, Salomão Mufarrej. (Org.). **Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará**. Belém: Editora Gutenberg, 2005.

LINHART, Jan *et al.* Auto-etnografia colaborativa entre os Potiguara e a capacitação de intelectuais orgânicos. **Anais do II Seminário Internacional do NEMDR, UFPB | CCHSA, Bananeiras/PB**, 2017, p. 1-15. Disponível em: <https://proceedings.science/nemdr/papers/auto-etnografia-colaborativaentre-os-potiguara-e-a-capacitacao-de-intelectuais-organicos--2>. Acesso em: 20 mar. 2022.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAHEIRIE, Kátia. **Agenor no mundo: um estudo psicossocial da identidade**. Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas, 1994.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.

PESSOA, Fernando. **Poemas completos de Alberto Caeiro**. Organização de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2013.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José. Negragayjudia: três pessoas em uma (auto)biografia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 5, n. 15, p. 1354-1369, 11 out. 2020. Disponível <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7796/6852>. Acesso em: 25 de jun. 2025.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Profissão docente na roça**. Salvador: EDUFBA, 2015.





RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Ser e não ser da roça, eis a questão: identidade e discurso na escola.** Salvador: EDUFBA, 2011.

SANTOS, Fábio Josué Souza. **Nem “tabaréu/oa”, nem “doutor/a”:** o(a) aluno(a) da roça na escola da cidade - um estudo sobre identidade e escola. 2005. 221 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Salvador, 2005.

SANTOS, Marilucia de Jesus Santana. **Formação docente na educação do campo/roça: o desafio da ocupação do espaço social e escolar “urbano-centrado” do município de Santo Antônio de Jesus/BA.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação do Campo) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Serrinha. Serrinha, BA, 2019.

SILVA, Ana Maria Anunciação da. **Narrativas de vida-formação-profissão das docentes do campo/roça: identidades e culturas.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação do Campo) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Serrinha. Serrinha, BA, 2020.

SOUZA, Antonio José de Souza *et al.* Avaliação da proposta de educação em duas escolas rurais no semiárido baiano. *In:* CUNHA, Andrews Rafael Bruno de Araújo; SANTOS, Ana Paula Silva dos; PEREZ-MARIN, Aldrin Martin. (Orgs.). **Educação contextualizada para a convivência com o semiárido: debates atuais e estudos de caso.** Campina Grande, PB: INSA, 2014, p. 148-167.

SOUZA, Antonio José de. A família como objeto da História na Educação do Campo/roça para Convivência com o Semiárido. *In:* CREMA, Everton; MARTIN, Nilson Javier Ibagón (Orgs.). **Ensinar História: Aprendizagens.** Rio de Janeiro: Proj. Ori./Ed. Esp. Sobre Ontens/UERJ, 2022. p. 45-53.

SOUZA, Antonio José de. **O já-dito e não-dito acerca das identidades e cultura afro-brasileira: histórias de vida-formação-profissão dos docentes de classes multisseriadas.** Curitiba: CRV, 2018a.

SOUZA, Antonio José de. Ser ou não ser negro, eis a questão! **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 10, n. 26, p. 220-233, out. 2018b. Disponível em: <http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/647>. Acesso em: 28 jun. 2025.

SOUZA, Antonio José de. **Tornar-se negrogay: a história de vida de um homem-professor situado e “sitiado”.** Curitiba: CRV, 2023.

SOUZA, Antonio José de; SANTOS, Vagson Luiz de Carvalho. Avaliação da proposta de educação do campo contextualizada e sua influência na valorização dos recursos hídricos em duas escolas rurais na cidade de Itiúba-Ba. *In:* **Convivência e Educação do Campo no Semiárido Brasileiro.** Juazeiro, BA: RESAB, 2013. p. 81-95.

SOUZA, Antonio José de *et al.* A Covid-19 e os desafios da Educação do Campo no





município de Riacho de Santana/BA. **Revista Macambira**, volume 4, nº 2, p. 1-22, 2020.  
Disponível em: <http://revista.lapprudes.net/index.php/RM/article/view/506>. Acesso em 22 de out. de 2021.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. *In*: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (Orgs.). **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 59-74.



Informações do Artigo	Article Information
<b>Recebido em:</b> 14/07/2025	<b>Received on:</b> 14/07/2025
<b>Aceito em:</b> 05/08/2025	<b>Accepted in:</b> 05/08/2025
<b>Publicado em:</b> 04/02/2026	<b>Published on:</b> 04/02/2026
<b>Contribuições de Autoria</b> Escrita do texto: Daiane Pinheiro de Souza Cardoso, Antonio José de Souza; Revisão do manuscrito: Antonio José de Souza.	<b>Author Contributions</b> Text writing: Daiane Pinheiro de Souza Cardoso, Antonio José de Souza; Manuscript review: Antonio José de Souza.
<b>Conflitos de Interesse</b> Declarar não haver nenhum conflito de interesse. Texto sugestivo: Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	<b>Interest conflicts</b> Declare that there is no conflict of interest. Suggestive text: The authors declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
<b>Como Citar este artigo - ABNT</b> CARDOSO, Daiane Pinheiro de Souza; DE SOUZA, Antonio José. Incursões memorialistas na escola do campo/roça em Classe Multisseriada: (Auto)Etnografia enraizada no existencial. <b>Revista Macambira</b> , Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102005. DOI: <a href="https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1677">https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1677</a>	<b>How to cite this article - ABNT</b> CARDOSO, Daiane Pinheiro de Souza; DE SOUZA, Antonio José. Memorialist incursions in the rural school/farm in a Multigrade Classroom: (Auto)Ethnography rooted in the existential. <b>Revista Macambira</b> , Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102005. DOI: <a href="https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1677">https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1677</a>
<b>Licença de Uso</b> A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	<b>Use license</b> The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any médium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.